

Uma releitura do Sionismo em *Román Russi (A Montanha Azul)* de Meir Shalev

A new reading of Zionism in *Román Russi (The Blue Mountain)*, by Meir Shalev

GABRIEL STEINBERG SCHVARTZMAN

Graduado em História, Mestre e Doutor em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica pela Universidade de São Paulo. Professor do Departamento de Letras Orientais da FFLCH/USP

RESUMO No romance *A Montanha Azul*, o escritor israelense contemporâneo Meir Shalev recria o cotidiano de várias famílias de pioneiros ao longo de três gerações no Vale de Jezreel, na região da Galileia: a geração dos pais fundadores chegados à Palestina no início do século XX com a 2ª *aliá*; a geração dos nascidos no *ishuv* e, portanto, os que ajudaram a fundar o Estado judaico; e a geração nascida após a criação de Israel. *A Montanha Azul* nos mostra que alguma coisa deu errado, que o sonho não se concretizou em sua totalidade, que tanto esforço em parte desmoronou. A obra sinaliza para o fato de que um povo que renuncia aos seus mitos é responsável por seu próprio declínio.

PALAVRAS-CHAVE Literatura hebraica, Literatura israelense, Sionismo, Meir Shalev, História israelense contemporânea.

ABSTRACT In the novel *Blue Mountain*, Israeli writer Meir Shalev recreates daily life of several pioneers' families through three generations in Jezreel Valley, Galilee: the generation of founding fathers which arrived to Palestine at the beginning of the 20th century with 2nd *aliyah*, the generation of native *yishuv* born, hence those that helped to create the Jewish State and the generation born after the State's birth. *Blue Mountain* signalizes that something went wrong, that the dream didn't come completely true, that such big effort fell partially to pieces. The book points to the fact that a people that renounces to their myths is responsible for its own decline.

KEYWORDS Hebrew literature, Israeli literature, Zionism, Meir Shalev, Israeli contemporary history.

O ESCRITOR ISRAELENSE MEIR SHALEV É ORIGINÁRIO DO MOSHAV NAHALAL, onde nasceu em 1948. Ter nascido em Israel representa para ele e para outros escritores contemporâneos viver num país que se encontra até hoje em permanente efervescência. Um país que superou inúmeras dificuldades, mas que, por outro lado, é perseguido pelo fantasma das guerras e pela busca de uma identidade. Meir Shalev, por meio da ficção, mostra o retrato de uma sociedade de pessoas comuns e não somente de heróis de guerra e de exemplos de retidão moral. Através de sua produção literária, podem-se conhecer aspectos da sociedade israelense, assim como verificar, como pano de fundo, traços da história e da política do país. Por intermédio da voz de escritores que representam de certa forma a consciência da nação judaica, é possível fazer uma tentativa de compreender os destinos da empreitada sionista na atualidade.

Em *A Montanha Azul* (1989),¹ Shalev remete a uma época heroica que transcorre numa terra mitológica de variados significados. Por um lado, é apresentada a história oficial formada pela ação dos líderes fundadores do Estado de forma implícita, supondo que o leitor conheça o contexto histórico. Por outro lado, Shalev traz o relato de várias biografias pessoais e familiares, de personagens secundários relegados à margem da história por uma empreitada que foi coletiva, mas na qual somente os líderes viraram heróis. Shalev recria o cotidiano de várias famílias de pioneiros ao longo de três gerações: a geração dos pais fundadores chegados ao país no início do século XX com

a 2ª onda imigratória entre 1904-1914, a geração dos nascidos no *ishuv*,² e os que ajudaram a fundar o Estado, e a geração nascida após o surgimento de Israel.

Em *A Montanha Azul*, Shalev recria a vida e as relações de várias famílias de camponeses da região da Galileia no início do século XX e consegue transformar um cotidiano aparentemente carente de grandes significados, pois era baseado no trabalho árduo para desbravar uma nova vida numa nova terra, em uma narrativa lendária de grande repercussão. Repentinamente, simples camponeses assumem uma densidade literária, histórica e pessoal. A narrativa desenvolve-se em dois campos simultaneamente: o mundo mítico dos pioneiros que deram suas vidas para fazer renascer a nação judaica, tendo como pano de fundo o mundo mitológico bíblico, e, por outro lado, o que resultou de tantos sacrifícios e sonhos, ou seja, o Estado judaico contemporâneo.

O livro dá voz a personagens que dedicaram suas vidas à reconstrução de um país, tendo alguns destes personagens adquirido traços fantásticos ou até grotescos. Em *A Montanha Azul*, Meir Shalev abriu a caixa de Pandora e deixou sair dela as energias reprimidas de quem procurava expressar seu próprio pequeno mundo, fato que possibilitou o surgimento do relato pessoal, um luxo para o período inicial da construção da nação, em que somente era válido o relato coletivo e não o individual, o pessoal, o familiar.

A narrativa nos transporta para o mundo dos pioneiros, para uma época em que estes abandonaram a Europa do final do século XIX e começo do século XX, cheios de esperanças, e chegaram a uma terra desolada, na qual viviam em tendas, enfrentando as adversidades climáticas, as doenças, os mosquitos e a fome, privados de qualquer acomodação mais elementar de conforto. Eles valorizavam o trabalho pesado, o mais perigoso e o menos desejado por pessoas comuns. Trabalhavam de forma igualitária, pois todos os trabalhadores dos destacamentos de trabalho então criados, independentemente da função que ocupavam, entregavam seus salários a um comitê central.

O coletivismo na terra de Israel saiu do discurso para ser implementado na prática em todas as frentes do cotidiano e se desenvolveu a partir de necessidades e exigências concretas da vida agrícola. Isolados em lugares remotos, os colonos consideravam a forma de participação conjunta em todas as atividades como o método mais funcional de sobrevivência econômica, além da compensação emocional de voltar ao solo sagrado e da consciência de estarem se recuperando moralmente de vinte séculos de vida diaspórica. Nas escolas secundárias e nos movimentos juvenis, componentes fundamentais da empreitada sionista, lembrava-se constantemente aos jovens que eles eram a vanguarda da redenção de Israel e de todo o povo judeu ainda retido na diáspora. Esta avaliação de autossacrifício em prol de todo o povo era compartilhada no *ishuv* e também por muitos daqueles que, chegando ao país, se engajavam nos destacamentos de trabalho e nas colônias agrícolas.

Os pioneiros insistiam em ganhar seu pão como trabalhadores assalariados e evitavam ocasionais meios de vida mais fáceis. Vestiam-se como camponeses, desprezavam qualquer luxo e desdenhavam do materialismo dos agricultores veteranos oriundos do velho *ishuv*, ou daqueles que tinham imigrado em 1881. O lema que guiava os novos imigrantes, os que chegaram a partir de 1904, era “*Anu banu artza livnot uleibanot ba*” – nós viemos para a terra de Israel para nela construir, mas também, e principalmente, para sermos nela reconstruídos.

WebMosaica REVISTA DO INSTITUTO CULTURAL JUDAICO MARC CHAGALL v.4 n.2 (jul-dez) 2012

Mas *A Montanha Azul* sinaliza que alguma coisa deu errado, que o sonho não se concretizou em sua totalidade, que tantos anseios foram, em parte, em vão, que tanta esperança colocada a serviço do bem coletivo se desvaneceu. *A Montanha Azul* aponta para o fato de que um povo que renuncia aos mitos que sustentaram a fundação de seu país é responsável por sua própria decadência. Que futuro caberá a um povo se ele próprio se desvia do caminho traçado com tanto empenho, se abandona a visão da redenção e os sonhos? Por meio deste romance, Shalev faz uma crítica à sociedade israelense contemporânea, que se dedica a quebrar seus próprios mitos, que ri de seu passado e o menospreza. Isto é resultado de uma sociedade em crise que, em lugar de imitar os pioneiros idealistas, procura, com sua autocrítica permanente, distanciar seu passado, fato este que poderá enfraquecê-la, pois, nesta constante tentativa de abrir a caixa preta de sua história, poderá encontrar mais desvios que os sucessos já consagrados.

Em Israel, na era da pós-modernidade e apenas meio século após sua criação, vários mitos foram quebrados. Para começar, o ano de 1977 representou um momento decisivo na releitura que se faz da sociedade israelense contemporânea. O fim do governo trabalhista e do *establishment* dominado pela elite *ashkenazita*,³ deu voz a numerosos conflitos sociais que até então tinham sido silenciados. A ascensão da direita nacionalista, liderada pelo partido *Likud* ao poder com um amplo apoio dos judeus *sefaraditas*⁴ e orientais,⁵ serviu para desmitificar a ideia da unidade social e nacional israelenses imposta pela ideologia sionista oficial. Esse mesmo ano da tomada do poder pelo *Likud* marcou o início aparente de vários pontos de fricção entre os diversos grupos sociais e ideológicos que atuam na sociedade judaica israelense.

Mas é preciso entender que os mitos cumpri-

ram papel importante na consolidação quase que surpreendente do Estado judaico. O mito, ao lado da religião, da história e da ideologia, forma a memória coletiva de uma nação. Somos testemunhas atualmente do fato de que o sonho coletivo israelense está deixando seu lugar para as realizações individuais. O mito deve ser entendido como uma história ideal mediante a qual uma sociedade conta fatos a respeito de si desde a sua origem até seus objetivos para o futuro. Os mitos do passado servem para entender o presente e até para moldá-lo. Os mitos estão envoltos por um certo ar de santidade, eles são contados em forma de relato pessoal e simbólico e estão relacionados de forma dramática ao início de grandes acontecimentos históricos. (OHANA; WISTRICH, 1997, p. 17)

A ideologia sionista, no seu surgimento em fins do século XIX, foi constituída sobre o mito da construção de um movimento que daria aos judeus uma pátria em Sion, e a história narrada em torno deste fato era a do retorno à pátria ancestral, assim como um retorno digno à própria história universal, da qual o povo judeu tinha sido banido. Criar um novo país implicava o retorno a símbolos, rituais e mitos nacionais originários na religião e no passado histórico judaico. Um retorno à história universal por intermédio de uma soberania renovada na terra de Israel exigia, sob a influência do movimento socialista, o sacrifício individual em prol da coletividade, em benefício de uma empresa maior. Era necessário, para isso, moldar os imigrantes, os sobreviventes do Holocausto e os judeus oriundos dos países árabes e muçulmanos, vistos então como o “pó da terra”, em novos homens, em sabras, ou seja, em israelenses autóctones fortes e valentes, e, para tanto, foi necessário elaborar uma nova consciência coletiva fortemente influenciada por mitos heroicos, por rituais nacionais e por uma nova ideologia.

A partir da década de 1990, Israel foi sendo sacudido por um novo fenômeno, representado pelo revisionismo histórico. Segundo esta visão, que tem por objetivo analisar a sociedade sob a ótica do chamado pós-sionismo, todas as posturas aceitas no passado tornaram-se passíveis de serem discutidas e criticadas e, muitas vezes, questionadas. A geração dos chamados “novos historiadores”, que alcançaram o auge justamente na década de 1990, colocaram em xeque os mitos fundadores do Estado de Israel, desmitificando, assim, os alicerces sobre os quais o país se sustentou nas primeiras décadas de sua fundação, ajudando assim a desconstruir o sionismo. Nesta desarticulação são reavaliados todos aqueles que deram suas vidas para tornar realidade um sonho: os líderes sionistas, os pioneiros, os pais fundadores do Estado, os ideólogos do movimento sionista, os combatentes que lutaram pelo país, a geração do *Palmach* (os combatentes da década de 1940, que lutaram na Guerra da Independência) e até mesmo os líderes políticos do país desde sua fundação até a atualidade. Por isso, pode-se pensar que os israelenses já não precisam mais de grandes heróis.

Para moldar uma nova identidade numa sociedade que deixou de ser heroica e pioneira, e transformou-se numa sociedade consumista e individualista como todas as sociedades do mundo ocidental contemporâneo, é preciso reelaborar novos mitos sem sepultar os anteriores, que, na época em que surgiram, foram fundamentais para sua constituição. É pelo caminho da crítica às novas gerações, que negligenciaram os alcances do sionismo, e também da crítica aos representantes do chamado pós-sionismo⁶ que Meir Shalev constrói sua obra.

Em *A Montanha Azul*, livro publicado em 1988, Shalev apresenta a narrativa de várias famílias de pioneiros agricultores, os primeiros moradores do Vale de Jezreel no início do século XX. Neste ro-

mance, é contada a trajetória dos pioneiros pela voz de Baruch, o neto de um deles, que perdeu os pais ainda pequeno e que cresceu à sombra de seu avô, um homem autoritário e dominador. Ele cresceu num mundo carregado por mitos do início da colonização judaica, rodeado por lendas sobre a vida no vale, uma vida ligada à natureza. Foi ali que os pioneiros desbravaram uma nova terra e também uma nova vida.

A Montanha Azul apresenta a própria história já lendária das origens de Israel. Yaacov Mirkin, o avô, conta o passado a Baruch, fazendo-o depositário de um começo glorioso que os integrantes da segunda geração não souberam como enfrentar nem tampouco como tocar adiante a obra dos pioneiros idealistas da segunda *aliá*.⁷ A imponência destes os persegue ao longo do romance, e muitos deles, por esse motivo, abandonaram o país para viver a própria vida longe da sombra de seus pais. Nos dias da terceira geração, o sonho acaba por se esfacelar.

Shalev reconstrói a história sionista usando para isso um romance familiar composto de três gerações que se sucedem, do auge ao declínio familiar, do ideal e do sonho envolto em sacrifícios à dura realidade do resultado de todos os projetos concretizados. Para Malka Shaked, “A motivação histórica, ou o impulso histórico movem o escritor a adentrar no romance familiar para descrever o mundo da família-sociedade que, de certa forma, não existe mais” (SHAKED, Malka, 1992, p. 22). Ao analisar a história geracional, Shalev, na verdade, olha para a totalidade de um grupo dentro de uma sociedade. A família, dentro desse contexto, é uma miniatura da sociedade, uma pequena célula que pode explicar o contexto mais amplo. Shalev apresenta o nascimento e o ocaso não apenas de uma família, mas o esplendor e o declínio gradual de uma experiência social.

A aldeia agrícola fundada por Yaacov Mirkin e seus amigos é apresentada no romance como uma espécie de microcosmo, ou seja, um mundo fechado e autônomo que representa, de certa forma, uma parte da sociedade israelense e da história desse segmento, que tem sua própria história e sua mitologia, e se encontra isolado do mundo; a montanha azul o isolava das mudanças estruturais e políticas que o país atravessava.

Esse microcosmo é habitado por personagens caricaturados por Shalev: Yaacov Mirkin, o pai fundador da família principal; Yaacov Pinnes, o mestre de toda uma geração; Liberson, o ideólogo; Tsirkin Bandolim, o artista; Rilov, o eterno combatente; Fanya, a mulher mais bonita da aldeia; Levin, o pioneiro que não deu certo; Zeitzer, o mulo da Rússia que passou a vida trabalhando na aldeia; Efraim, visto como um monstro ao retornar desfigurado para a aldeia; Meshulam, um historiador frustrado; Baruch, o narrador desajeitado; e Uri, o rebelde contestador.

Desta forma, heróis e anti-heróis se sucedem no romance, pioneiros visionários que deram a vida pela drenagem do pântano e pelo renascimento nacional são sucedidos por membros das duas gerações seguintes, que não cumpriram as expectativas que os ideólogos sionistas depositaram nelas. Se hoje se considera que houve um exagero proposital ao criar e exaltar figuras heroicas da época do início da empreitada sionista, para Avraham Hagorni Green, a obra de Shalev serve para criar uma situação de equilíbrio entre os heróis e os anti-heróis da história sionista. Os anti-heróis do romance vieram desestabilizar e colocar em xeque a posição exagerada na qual foram colocados os pioneiros e os pais fundadores da nação. (HAGORNI-GREEN, 1989, p. 108)

Para compreender a densidade literária dos personagens principais do romance, é preciso enten-

der quem foram os homens e mulheres que chegaram na segunda onda imigratória à Palestina em 1904. O início das *aliot* para a terra de Israel representou uma rebelião em relação à vida tradicional judaica. Jovens formaram, ainda na Europa, grupos coesos em que se preparavam, tanto ideológica como socialmente, para iniciar uma nova vida. Os jovens pioneiros chegaram à Palestina movidos por vários ideais: a conquista da terra mediante o trabalho agrícola, a renovação de uma cultura em moldes seculares e uma educação hebraica de bases nacionalistas. A experiência mostrou que os que não se adaptaram à vida árdua na aridez da Palestina acabaram abandonando o país. Estes jovens estavam imbuídos da ideologia socialista, mas como na Europa eles não seriam aceitos como iguais, foram à Palestina para ali criar uma sociedade de iguais.

A segunda *aliá* era formada por judeus de vários grupos sionistas trabalhistas oriundos da Rússia, desapontados com o fracasso da reforma social em seu país e com o fim da Revolução de Outubro de 1905, que acabou em *pogroms* antijudaicos. Esta *aliá* foi decisiva para a modificação de toda a estrutura social e econômica da comunidade judaica. Seus integrantes também enfrentaram graves dificuldades econômicas, pois o país encontrava-se devastado. Os da segunda *aliá*, no entanto, tiveram uma importância decisiva na renovação histórica do novo *ishuv*. Desde a sua chegada à Palestina, integrantes desta *aliá* tornaram-se membros ativos em todos os assuntos do cotidiano, chegando a ser líderes atuantes, fazendo parte do *establishment* político até os primeiros estágios do Estado fundado em 1948. A ideologia forjada por estes imigrantes transformou a vida social e institucional do *ishuv* e moldou a ideologia que vigorou no país durante as três primeiras décadas de independência.

Diferentemente dos integrantes da primeira *aliá*, que imaginaram a salvação do povo mediante a normalização da vida dos imigrantes, o que ocorreria com sua transformação em camponeses e operários, os judeus da segunda *aliá* consideravam-se pioneiros, não interessados em seu próprio estabelecimento na Palestina apenas, mas também no futuro de todo o povo judeu como nação, que tinham à sua frente e em suas mãos, guiados que eram pelo interesse coletivo. O que os mobilizava e influenciava era o fervor revolucionário que presenciaram na Europa e, na contramão, a decepção que sentiram ao perceber que, mesmo participando dos movimentos revolucionários na Rússia, eles, como judeus, jamais conseguiriam desfrutar das conquistas que poderiam ser ali alcançadas.

A segunda *aliá* forjou também, no imaginário do povo, a figura de um novo homem, o *halutz*,⁸ um ser totalmente diferente do judeu da diáspora e também de qualquer integrante do velho *ishuv*, então pobre e decadente. O *halutz* representava o tipo ideal do pioneiro movido pela abnegação pessoal em prol da sociedade toda. O pioneiro era um homem pronto para privar-se das conquistas do mundo consumista e para viver como se fosse um asceta, não por si e sim pelos outros, e todos os outros deviam seguir seu exemplo de vida. Por isso, a maioria dos integrantes da segunda *aliá* procurou manter-se longe de confortos materiais, políticos e sociais. A ênfase em suas vidas estava posta no trabalho agrícola para a redenção da terra ou no trabalho manual. Somente mediante o trabalho físico árduo poderia surgir o novo ser, o novo judeu e, por conseguinte, a nova entidade nacional sionista.

O novo homem precisava recriar também as bases culturais mediante a inovação literária e científica, fazendo renascer a língua milenar, única capaz de unir o povo disperso. O futuro dependia então da alma do pioneiro, era ele que

devia abrir o caminho à frente de toda a coletividade. Mas esta convicção não era colocada no mundo ideal, o pioneiro via-se como a elite imbuída de fortes caracteres morais, destinada a salvar todo o povo judeu, moldando com o trabalho físico uma nova sociedade.

Foi nesse período que surgiu a primeira comunidade agrícola coletiva, o *kibutz*,⁹ Degânia, fundado em 1909, responsável pelos primeiros movimentos dos trabalhadores que deram origem à *Histadrut*, a Confederação Geral dos Trabalhadores da terra de Israel, em 1920. Desta forma, os integrantes da segunda *aliá* “queriam não só estabelecer a doutrina certa, mas também executar uma obra colonizadora construtiva e verem-se como precursores da colonização e do desenvolvimento nacionais mais amplos” (EISENSTADT, 1977, p. 57).

Os integrantes da segunda *aliá* procuravam o retorno a uma vida pura e autêntica e à restauração da existência nacional em sua terra ancestral. Também na época ocorreu o abandono dos sobrenomes diaspóricos e a adoção de nomes hebraicos e bíblicos, com o objetivo de acentuar um renascimento na terra de Israel. Tudo nesta experiência devia contrapor-se à diáspora: a modernidade em oposição à vida tradicional, o novo hebreu devia suplantar o antigo judeu. (EVEN ZOHAR, Itamar, 1998, p. 17)

No repertório literário das *aliot*, predominavam dois modelos: o modelo antigo, do judeu do exílio, miserável, carregado de estereótipos físicos e comportamentais, e o outro, o da vanguarda ideológica, o modelo do hebreu desenraizado da diáspora e totalmente enraizado na nova terra, em total oposição ao judeu diaspórico. Este novo judeu era representado por “uma personagem exemplar de judeu *eretz-israelense* corajoso e orgulhoso, ereto e agradável, nativo e enraizado” (EVEN ZOHAR, Basmat, 1998, p. 37).

A literatura da época tinha como função negar o exílio e descrever a obra criativa da comunidade em Eretz Israel, moldando a personagem do homem e da mulher positivos e desejáveis. Este direcionamento na literatura seguia a onda política, social e ideológica. O hebreu era descrito como sendo jovem, pioneiro, ligado ao trabalho agrícola ou à defesa das colônias e, em último caso, também ao trabalho artesanal e operário nas cidades. Além disto, ele era mostrado como um profundo amante desse trabalho. Desta forma, ele era um depositário apenas de virtudes, tanto físicas como morais, “ligado à natureza, apaixonado pelo país, ativo, corajoso, forte e bravo, ereto, saudável e bronzado, risonho, que canta e dança, tranquilo e confiante, rigoroso, idealista e ético”. (EVEN ZOHAR, Basmat, 1998, p. 42)

É neste contexto histórico e ideológico que se coloca a obra de Meir Shalev. *A Montanha Azul* descreve o caminho da colonização ao longo dos últimos cem anos e o faz por intermédio de três gerações que lutam, cada uma à sua maneira, para tornar real o sonho da redenção do povo e da terra. Meir Shalev narra a obra dos pais fundadores e as adversidades que tiveram para superar, naqueles dias, a fuga para o exterior de alguns dos integrantes da segunda geração, dada a dificuldade que sentiam em defrontar-se com a imagem mítica dos pais fundadores. Mesmo apontando o fracasso, a quebra de mitos, há no romance uma sinalização para a possibilidade de um reinício depois da aparente derrota da obra iniciada pelos pioneiros e que se manifesta na atualidade com a crise atravessada pela maior parte dos *moshavim*, *kibutzim* e aldeias agrícolas em Israel. No romance, as marcas do aparente fracasso da empreitada sionista são percebidas pelo professor Pinnes, quando constata que seu labor educativo fracassou, que os diques que ameaçavam romper em volta da aldeia e que

ele tentou tampar por longa data se quebraram, que os valores primordiais foram abandonados. Mas Shalev dá no romance a volta por cima e insinua que o sionismo não está fadado a ser extinto. O anunciador da boa nova é justamente Uri, o rebelde, que volta à aldeia no final do romance com o propósito de um novo recomeço.

O romance de Shalev confronta-se com o mundo dos mitos do início da colonização judaica na terra de Israel, mas também com algumas das lendas e com as figuras quase que mitológicas que rondaram Israel por dezenas de anos a respeito da bravura sobrenatural pela qual eram distinguidos os pioneiros. (YITZCHAKI, 1988, p. 13) No romance, estes mitos a respeito da colonização e da defesa da terra, do moldar de uma nação por seres que se desprenderam de tudo pelo bem coletivo, são tão fortes que os integrantes da segunda e terceira geração não se sentem capazes de enfrentá-los. Estes acabaram por anular-se diante da sombra dos pioneiros nos quais deviam refletir-se. Mas o mundo mudou e Israel também, a geração que pensava no coletivo e apenas no bem alheio foi substituída por uma outra que quer seguir o seu próprio caminho, que é individualista e materialista num universo que é diferente do que existia no momento da fundação do Estado, em 1948.

A Montanha Azul mostra que a obra dos pioneiros foi negligenciada e se autodestrói pelo abandono, não tendo continuidade. No romance, os pomares cultivados pelos pioneiros dão lugar a um cemitério no qual são sepultados, pelo neto Baruch, os integrantes da segunda *aliá*. No mesmo lugar onde tanto trabalharam para redimir a terra e o povo, ironicamente ali mesmo eles são sepultados. Mas *A Montanha Azul* não tem por objetivo sepultar os mitos, quer confrontar-se com os mesmos para então dar um novo significado à experiência judaica numa era pós-sionista.

No romance, um integrante da terceira geração, Meshulam, decide dedicar-se à agricultura. Com a intenção de plantar arroz, inunda uma área que tinha sido anteriormente um pântano e que foi drenada pelos pioneiros com o plantio de eucaliptos. Esta tentativa provoca a revolta generalizada na aldeia, temerosa do renascer do pântano.¹⁰ Shalev tenta mostrar, então, que a obra da colonização não acabou e que as águas do pântano ameaçam surgir novamente e que cabe, portanto, à terceira geração agir para dar continuidade ao trabalho dos pioneiros, pois os princípios do sionismo continuam válidos.

É possível encontrar no romance a descrição mítica dos pais fundadores e seu esforço sobrenatural para chegar à terra da redenção. Este relato pode ser lido na fala do neto Baruch, que conta como chegaram os pioneiros à terra sagrada, fato que foi passado a ele pelos próprios pioneiros. Eles enfrentaram inúmeros desafios, sacrificaram a vida pessoal, abandonaram a família e entregaram-se por inteiro à superação das adversidades que os levariam a alcançar um sonho. Esta saga é relatada da seguinte forma:

Esses amigos eram os heróis das histórias da minha infância. Todos eles, dizia-me o avô no seu sotaque russo, tinham nascido numa terra distante que tinham abandonado clandestinamente havia muito tempo, alguns em vagões ferroviários cheios de mujiques, em comboios que andavam devagar no meio da neve e de macieiras selvagens por costas rochosas, grandes lagos salgados, montes calvos e tempestades de neve. Outros, montados em gansos selvagens cujas asas chegavam desde aqui até à chocadeira, pairavam com alegres grasnidos sobre vastos campos e muito alto por cima do Mar Negro. Outros ainda conheciam palavras secretas que os transporta-

vam numa ventania para a terra de Israel, onde aterravam ansiosos, com medo de abrir os olhos. (SHALEV, 1988, p. 15)

Mas a chegada quase que miraculosa a uma terra selvagem a ser desbravada e o esforço empreendido em sua redenção não foram totalmente bem sucedidos. A constatação e a sensação de fracasso dos primeiros imigrantes aparece na fala do professor Yaacov Pinnes, um dos fundadores da aldeia. Num boletim interno que circulava ali, ele diz: “Estávamos errados – escreveu ele no boletim. Errados educativamente. Errados politicamente. Errados na maneira como pensávamos no futuro. Somos como animais cegos, enterrados em lama até o pescoço” (SHALEV, 1988, p. 280).

Esta amarga constatação foi pronunciada pela mesma pessoa que, quando ainda jovem e ativo, dava lições fervorosas a seus alunos sobre a salvação do povo judeu, alcançada graças à obra dele e de seus colegas pioneiros. A crítica é colocada na fala dos próprios pais fundadores. Numa viagem escolar, ao chegar com seus alunos à cidade bíblica de Beit Shearim, o professor Yaacov Pinnes mostrou a grande conquista do sionismo. A terra de Israel tinha deixado de ser um lugar de sepultura para os que esperavam a chegada do Messias. Ela tinha sido transformada na terra do futuro, no lugar da reconstrução nacional e pessoal. Assim, ouvem-se as palavras do professor a seus alunos:

Mas nós, meninos – continuou Pinnes, voltamos a esta terra não para morrer, mas para viver. Naquele tempo acreditava-se que ser enterrado na terra de Israel nos purgaria do pecado e nos faria dignos da vida eterna. Mas nós não acreditamos na ressurreição dos mortos e na expiação ritual. A nossa expiação é o cultivo da terra e não o talar de campas. A nossa ressurreição é o rego

que lavramos. Os nossos pecados serão purgados pelo trabalho duro. As contas que temos de prestar são neste mundo e não no outro. (SHALEV, 1988, p. 235)

Como mencionado, o narrador do romance é Baruch, neto de um dos pais fundadores, descrito com um rapaz alto e muito forte, porém desajeitado. Ele representa o fracasso da empreitada sionista, pois tem uma exagerada força física, mas carece de força espiritual. Ele age seguindo a vontade de seu avô, não tem luz nem objetivos próprios, age sob o olhar do avô, cria o cemitério porque seu mentor lhe ordenou que o fizesse e, após a morte do avô, continua morando na mesma cabana de madeira humilde, sem nenhum conforto na qual viveu durante décadas Yaacov Mirkin, para o qual, mesmo depois da fundação do Estado e da prosperidade econômica alcançada pela aldeia agrícola, seria um sacrilégio contra os princípios rígidos de austeridade adotados pelos pais fundadores mudar-se para uma construção mais confortável.

O tema recorrente no romance é a quebra de um sonho, um ideal que foi duramente perseguido pela geração dos pais fundadores e que aparentemente fracassou em mãos das gerações que se lhes seguiram. O crítico Yossef Oren vai mais além, chamando *A Montanha Azul* de o primeiro romance antissionista, pois Meir Shalev não se contentou em desvendar os pontos fracos da empreitada sionista, mas pretendeu mostrar que toda a obra dos pioneiros estava viciada desde o início da colonização. (OREN, 1990, p. 69)

O que caracteriza a obra de Shalev não é apenas o fato de ocupar-se com um período considerado heroico pela historiografia sionista, porém também com as implicações ideológicas que esse período deixou na história contemporânea de Israel. Shalev examina a empreitada pioneira desde

o ponto de vista do seu ocaso e aí está a sua renovação no cenário literário israelense. Assim, em oposição ao trabalho agrícola realizado pelos pais fundadores, Shalev sinaliza para o fato que entre seus descendentes o vínculo com a terra foi sendo perdido gradualmente.

Ao ser publicado em 1988, *A Montanha Azul* causou controvérsia, pois apareceu numa época em que os chamados “novos historiadores” começaram a mostrar dados a respeito do passado recente de Israel conforme documentos que foram sendo revelados nos arquivos do país. O romance foi criticado por mostrar o fracasso do sionismo e ainda por fazê-lo de forma caricata, com isso menosprezando a ação e a memória dos pais fundadores e dos pioneiros. Mas se, por um lado, o romance sinaliza o fim de uma era, por outro, anuncia um renascimento.

Em oposição à postura construtivista dos pais fundadores, a geração dos filhos é movida no romance por uma força destrutiva em que eles dão as costas para o retorno ao trabalho agrícola. Essa virada devolve os judeus a uma situação semelhante à do início da colonização da terra de Israel: novamente o povo judeu está longe do trabalho agrícola, novamente ele vive em cidades como na diáspora e longe do contato com a terra. Na realidade, é uma situação muito mais complexa, pois se refere ao fracasso de um sonho.

O romance de Shalev aponta na direção do fim de uma era, e um dos primeiros sinais do desmoronamento dos mitos sionistas é o gradual abandono da terra. O trabalho agrícola transformou-se num dos pilares sionistas apesar de, desde o início, a sociedade israelense em formação ser eminentemente urbana. A imagem que se criou sobre o trabalho dos novos camponeses judeus que teriam raízes na terra de Israel foi elevada a um lugar acima de qualquer proporção, e, mesmo no auge do

período pioneiro, a maior parte do *ishuv* morava em cidades e não em *kibutzim* ou aldeias agrícolas, mesmo que o aparelho ideológico, tanto na literatura como nas artes, tenha dado a entender que Israel era, na época, uma comunidade eminentemente agrícola. “Em poucos anos, e apesar dos esforços das lideranças sionistas e depois das autoridades governamentais do país, o percentual de judeus que sobreviviam do trabalho agrícola decresceu de 10% para aproximadamente 2%” (LOTEN, 2003, p. 5).

Shalev tem como propósito trabalhar a questão dos mitos do início da colonização e que eram valorizados pela ideologia oficial. No romance, esses mitos passam por um processo cruel: do auge para a aceitação tácita por parte da segunda geração e dali para uma postura burlesca e para o próprio esvaziamento, a tal ponto que falar sobre os mesmos tornou-se algo sem sentido. Shalev desmonta os mitos pelo caminho da ironia e,

para evitar a passagem para uma postura grotesca ele retoma o mito por meio da ficção e deixa no ar algumas perguntas tais como: esses homens e mulheres efetivamente existiram? E nós leitores, somos solicitados a rir de seus erros, de sua loucura e de seu destino, ou somos chamados a demonstrar admiração pela sua convicção em criar um mundo novo e viver nele de forma insistente? (ROSENTHAL, 1988, p. 15).

Há no romance duas figuras antagônicas em sua personalidade, e ambas são as principais testemunhas do ocaso da aldeia agrícola. Ao longo de toda a narrativa, o professor Yaacov Pinnes e Baruch, o narrador, mantêm um relacionamento próximo. Os dois têm no romance um papel de observadores. O livro abre com o grito de devassidão que somente Pinnes escuta, e um dos últimos epi-

sódios do livro é a respeito de sua morte numa caverna. Pinnes é aquele que vê tudo, que tudo ouve e que, em definitivo, é aquele que acaba entendendo o que aconteceu à sua volta na aldeia e no micromundo que ajudou a criar. A seu lado estava sempre Baruch, incapaz de se comunicar com os outros moradores da aldeia, figura vista sempre com suspeita pelos habitantes do local, um coitado que perdeu os pais muito jovem numa explosão e que foi criado de forma antiquada pelo avô. Ele também sabe de tudo e presencia o desmoronamento da aldeia. Porém, ele não assume uma atitude como Pinnes, que se culpa, em parte, pelo fracasso, e lamenta esse ocaso. Baruch apenas age, sepulta de forma sistemática um sonho e o faz em silêncio, sem demonstrar nenhum sentimento.

Shalev sinaliza que, ao se confrontar com o mundo dos mitos do início da colonização e ao descrever o auge e o declínio da aldeia, esse processo não estaria necessariamente mostrando o fracasso da empreitada sionista, mas, sim, uma possibilidade de encontrar um novo caminho de ação, uma nova trilha necessária após a constatação de que chegou a hora de superar o mundo ideal e mitológico para passar a viver no mundo real, apesar de todas as suas limitações e dificuldades.

Para Yedidya Itzhaki, o que Shalev quer não é quebrar mitos e lendas apenas, o que ele deseja é confrontar-se com estes mitos para apontar uma saída, e o faz de várias formas. Segundo Itzhaki, lendo o romance, alguns dirão que:

A obra dos pais fundadores nunca foi completa, pois o pântano está latente embaixo da terra drenada e a qualquer momento poderá reaparecer e, portanto, a luta contra o aparecimento do pântano deve ser constante, pois ainda há muito trabalho a ser feito tanto pelos filhos como pelos netos dos pioneiros, ou seja, a obra ainda não foi

concluída. Há, por outro lado, quem possa ver os pais fundadores em suas verdadeiras dimensões humanas, além dos mitos e das lendas (ITZCHAKI, 1988, p. 13).

O que Itzhaki diz é que não necessariamente o livro aponta para um fracasso total da empreitada sionista, porém para uma releitura do processo para, a partir dela, possibilitar um novo começo. O romance também se propõe a mostrar os personagens em sua dimensão humana e não apenas mítica ou simbólica. É verdade que os personagens passam por um processo que os diminui e os transforma em algo grotesco, embora tanto a segunda geração como a terceira não se salvem de ser retratadas também de forma caricata por Shalev. O único que se ergue do retrato grotesco é Uri, que ri dos mitos e não os considera mais válidos, e, por isso, decide optar por um recomeço, um novo início, livre das amarras do passado.

O romance narra a trajetória dos pioneiros da 2ª *aliá* em duas diretrizes, que se contradizem: a primeira diretriz é a do retorno à natureza, depois substituída pela diretriz da fuga dessa natureza. Shalev insiste em inserir na fala de Yaacov Mirkin e de Pinnes uma descrição detalhada de termos da botânica e da zoologia com o propósito de mostrar o efetivo retorno do povo judeu à natureza. No início, o avô já realizava cruzamentos genéticos e outros experimentos com árvores, mostrando o domínio dos pioneiros sobre a natureza estéril. Eles foram capazes de dobrar a natureza impondo sobre ela a cultura humana. Porém, quando até os pais fundadores param de acreditar no sonho, a natureza, que até então parecia dominada e silenciada pelo labor dos pioneiros, recobra suas energias, e os pioneiros lhe devolvem todas as conquistas alcançadas, e até o pântano, já drenado, volta a surgir no cenário da aldeia. A terra que foi des-

prezada pelos filhos e netos dos pioneiros não voltará a ser dominada pelo homem. Talvez caiba a Uri reverter essa lógica perversa.

Contrariando a opinião dos que entenderam *A Montanha Azul* como sendo um romance antisionista, há uma outra vertente que o considera um romance otimista e indicador de uma mudança de rumo em direção a uma existência normal do povo judeu em sua terra, liberado das amarras que o sujeitaram a uma série de mitos que acabaram perdendo validade ao longo das últimas décadas. Para Sarah Shuv, *A Montanha Azul* não é um romance pessimista nem apocalíptico, como foi encarado por vários críticos literários. Segundo sua opinião, “*A Montanha Azul* é, talvez, o romance mais otimista que foi escrito nos últimos anos acerca da vida na terra de Israel e da continuidade do sionismo” (SHUV, 1989, p. 55).

O romance apresenta a primeira geração, a dos fundadores que se transformaram em mito ainda em vida; a geração dos filhos que não conseguiram suster-se diante do peso desse mito e por isso perderam sua independência; e a geração dos netos que acompanham os fundadores em seu processo de envelhecimento e de declínio, mas esse processo de decadência pode ser freado por Uri. A geração dos filhos não pôde suportar o peso do mito atribuído a seus pais. Os representantes desta geração são Efraim, Avraham e Meshulam. Efraim, desfigurado, carregava pela aldeia, sobre as costas, um enorme touro. Ele se transformou no símbolo mítico de uma geração que perdeu a sua personalidade e foi condenada a carregar, sobre seus ombros, o peso da herança mítica deixada pelos pioneiros transformados em lenda. Já Avraham renunciou à possibilidade de constituir uma personalidade própria, viveu à sombra de Yaacov Mirkin, reconhecendo com isso que a luta estava perdida para ele e para sua geração de antemão.

A parte apocalíptica do romance pertence ao processo histórico do desmoronamento dos mitos. O declínio sofrido pelos pais fundadores para um envelhecimento macabro desperta pena. É importante lembrar que as figuras que povoam o mundo dos mitos são sempre figuras estereotipadas, e Shalev faz questão de forçar o aspecto caricato de seus personagens. Yaacov Mirkin subleva-se contra o mundo dos mitos que o rodeia e por isso quer destruir a sociedade que o transformou num mito.

Se o romance foi visto por muitos como aquele que se propôs a quebrar os mitos para degolar as vacas sagradas do sionismo, o livro foi escrito para um leitor em potencial, que vive numa sociedade crítica que já se dispôs a degolar todas as suas. Uma sociedade que se esquece de admirar os homens e mulheres que se sublevaram contra a vida judaica diaspórica e que forjaram uma nova realidade e uma nova sociedade. Por esse motivo, Shalev tem uma relação ambivalente com seus personagens: uma relação de admiração, mas também de crítica; de amor, mas também de zombaria. Shalev cria uma realidade na qual seus personagens passam por uma metamorfose. Ele devolveu a alguns o lado humano e o respeito próprio, e o representante dessa transformação é justamente aquele que parecia perdido na narrativa. Uri é quem dará um recomeço nos objetivos revigorados e já não mais carregados de mitos na nova era sionista. Para Sarah Shuv, “*A Montanha Azul* não anuncia o fim, mas a passagem para uma outra forma de ideologia, para um sionismo mais equilibrado emocional e racionalmente, um sionismo mais próximo da realidade” (SHUV, 1989, p. 56).

NOTAS

1 O texto original *Román russi* na versão em língua hebraica, publicado em 1988, e a tradução em português, publicada em 2002 em Portugal. (Tradução de Antônio Pescada, Algés, Difel Difusão Editorial, 2002). Ver uma análise mais ampla desta obra em minha tese de doutorado (Schvartzman, 2006).

2 *Ishuv* – Literalmente: comunidade, coletividade. Termo usado para definir a comunidade judaica existente na Palestina anterior à chegada das ondas imigratórias a partir do final do século XIX.

3 Ashkenazitas – (Ashkenaz – Alemanha) Designa os judeus originários da Alemanha e por extensão, os judeus oriundos da Europa Central e Oriental.

4 Sefaraditas – (Sefarad – Espanha) Designa os judeus originários da Espanha e por extensão, os judeus oriundos de alguns países para os quais os judeus chegaram após a expulsão decretada em 1492 tais como: Itália, Bulgária, Turquia etc.

5 Orientais – Denominação dada aos judeus oriundos dos países árabes e islâmicos da Ásia e do Norte da África.

6 Como integrantes desta corrente histórica que teve forte repercussão da década de 1990, podemos citar Benny Morris, Ilan Pappé, Tom Seguev, Avi Shlaim, Baruch Kimmerling, entre outros.

7 *Aliá* – Literalmente: subida, ascensão. Plural: *Aliot*. Antigamente, no período bíblico, designava cada uma das três peregrinações anuais que os judeus realizavam a Jerusalém. No período moderno, passou a designar cada uma das ondas imigratórias que, a partir do final do século XIX, se dirigiram à terra de Israel. Na 1ª *aliá* (1881-1903), chegaram ao país aproximadamente 25.000 imigrantes. Na 2ª *aliá* (1904-1914), foram cerca de 40.000 imigrantes. Na 3ª *aliá* (1919-1923), imigraram 35.000 pessoas. Na 4ª *aliá* (1924-1932), chegaram aproximadamente 82.000 imigrantes, e a 5ª *aliá* (1933-1948) abrangeu 265.000 imigrantes. (EISENSTADT, 1977, p. 42)

8 *Halutz* – Literalmente: pioneiro. Denominação dada ao jovem que vinha à Palestina para concretizar sua aspiração sionista de trabalhar o solo e participar da construção do

país. (*Cadernos de Língua e Literatura Hebraica I*, 1998, p. 176). O glossário foi elaborado pela organizadora deste número dos Cadernos, a Professora Nancy Rozenchan.

9 Kibutz – (Plural: *kibutzim* – comuna agrícola). Colônia coletiva israelense baseada na posse comum da terra e dos meios de produção. O 1º kibutz foi Degânia, fundado em 1909 ao norte do país, próximo ao Mar da Galileia.

10 O Vale do Hule, área pantanosa ao norte do Lago Kineret (Mar da Galileia) ocupava 40 km². Sua drenagem acelerada, feita com a ajuda do Fundo Nacional e levada a cabo pelo trabalho dos pioneiros, eliminou o pântano, preservando uma pequena área de dois km², onde se formou uma reserva ecológica. Hoje se percebe um grave desequilíbrio ecológico na região, provocado pela drenagem desordenada feita nessa área.

SHALEV, Meir. *Román russi*. Tel Aviv: Am Oved, 1993.

Versão em português: *A Montanha Azul*. Algés: Difel, 2002.

SCHVARTZMAN, Gabriel Steinberg. *A montanha azul de Meir Shalev: uma leitura pós-sionista da sociedade israelense*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica, 2006.

SHUV, Sarah. “Hearot lealilat Roman Russi”. *Alei Siah*, nº 26, 1989.

YITZCHAKI, Yedidiya. “Mitologizatzia shel hamitus”. *Iton* 77, nº 105, 1988.

REFERÊNCIAS

EISENSTADT, Shmuel Noah. *Sociedade Israelense*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

EVEN-ZOHAR, Basmát. “Entrada do Modelo do ‘Hebreu Novo’ na Literatura Hebraica”. *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica I*. São Paulo: Humanitas, 1998, p. 33-46.

EVEN-ZOHAR, Itamar. “O Surgimento de uma Cultura Hebraica Nativa na Palestina (1882-1948)”. *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica I*. São Paulo: Humanitas, 1998, p. 13-32.

HAGORNI-GREEN, Abraham. *Siporet bat yameinu*. Tel Aviv: Or Am, 1989.

OHANA, David; WISTRICH, Robert S. (orgs.). *Mitus vezikaron: guilguleha shel hatodaá haisraelit*. Tel Aviv: Hakibutz Hameuchad, 1997.

OREN, Yossef. *Román russi – Meir Shalev; Tzionut vetzabariut baroman Haisraeli*. Rishon Letsion: Yahad, 1990.

ROSENTHAL, Rubic. “Hagadat haemek hanirdam”. *Al Hamishmar*, 15/07/1988.

SHAKED, Malka. “Panim chadashot – Haromán haachshavi al toldot hamishpachá”. *Iton* 77, nº 153, 1992.

Recebido em 18/11/2012

Aceito em 18/01/2013